[Recensão a] Michel Gras, O Mediterrâneo Arcaico

Autor(es): Ferreira, José Ribeiro

Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/45380>

DOI: DOI:https://dx.doi.org/10.14195/1647-8657_39_10

Accessed : 26-Apr-2023 14:02:23

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS

CONIMBRIGA

VOLUME XXXIX – 2000

INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

RECENSÕES BIBLIOGRÁFICAS

MICHEL GRAS, *O Mediterrâneo Arcaico*, Lisboa, Teorema, 1998, 275 pp. ISBN: 972-695-342-1.

O Mediterrâneo Arcaico, de Michel Gras, publicado em Paris, na Armand Colin, em 1995, aparece agora, em tradução de Telma Costa, na Coleção Teorema - Série Especial. Procura fazer a história desse mar até ao século V a. C., em especial os séculos VIII, VII e VI. Depois de breve introdução em que refere as principais dificuldades derivadas da escassez das fontes e do seu afastamento temporal dos factos que relatam, aborda os aspectos mais significativos do mar Mediterrâneo em seis capítulos:

No capítulo primeiro, “Paisagens” (pp. 17-41) alude ao modo como os antigos, em especial os Gregos da época arcaica, representavam o mundo; chama a atenção para o contributo dos périplos no conhecimento das terras dos mares distantes e para o modo como eram medidas as distâncias; refere os principais cabos e promontórios, estreitos e istmos, ilhéus, faróis, navios, peixes, territórios e fronteiras marítimas, salinas e sal.

Em “Percursos” (pp. 43-87) fala das cidades fenícias e do Levante, das principais regiões gregas (Eubeia, Corinto, Atenas, Egina e Mégara, Mar Egeu, Íónia e Rodes, Mar Negro, delta do Nilo e Náucratis, Esparta, Creta, Cirene, Mar Adriático), de outras regiões do Mediterrâneo (Cartago, Itália do Sul e Sicília, Mar Tirreno, cidades etruscas e Roma, Marselha, Sardenha, Andaluzia).

O capítulo terceiro, a “Memória” (pp. 89-117), aponta como os factos e saber se conservaram na memória dos homens: os arquivos e sacerdotes, as genealogias e as histórias locais, os Poemas Homéricos, os relatos míticos (Melcarte, Hércules/Hércules, Jasão e os Argonautas, Eneias e a fundação de Roma), recordações individuais e memória colectiva, eclipses e calendários, arqueologia e cronologia.

No capítulo “Território” (pp. 119-155), analisa a insalubridade dos locais; alude à demografia, dando como exemplos as populações da colónia de Hímera na Sicília, de Atenas e da Ática, das cidades ideais segundo Hipodamo; fala de urba-

nismo, de fundações de cidades, da terra, dos santuários, da presença dos deuses e de Olímpia como espelho do mundo mediterrânico.

Em “Valores” (pp. 157-192), fala do aperfeiçoamento do alfabeto fenício e da sua transmissão e difusão; da prática da leitura e da dádiva, do casamento, da hospitalidade, dos banquetes, do luxo, da aristocracia, da aculturação; realça o valor dos metais, chamando a atenção para a sua hierarquia, uso nas armas e utensílios, para as grandes regiões mineiras, as oferendas de metal e o entesouramento, o aparecimento da moeda, o sistema de pesos e moedas.

Por fim, o capítulo “Circulação” (pp. 193-241) aborda as vias comerciais, os *emporía* ou entrepostos de transacções, os naufrágios, a construção naval, as ânforas e o comércio do vinho e do azeite, as expulsões, os exílios, as emigrações, os mercenários, as guerras constantes.

Fecha o livro uma breve conclusão e valorizam-no uma cronologia, uma bibliografia, um índice temático e vários mapas.

Pelo assunto e pela variedade de temas, é um belo instrumento de trabalho para os estudantes das Civilizações Clássicas e Pré-clássicas e para todos aqueles que têm de lidar com os povos e culturas que marginaram aquele mar que os Romanos transformaram em “mare nostrum”.

Infelizmente, uma tradução que não foi feita com o cuidado devido retira-lhe parte desse valor. Além de nenhum dos mapas ter sido traduzido (pp. 5, 56, 61, 65, 75, 211, 275), é extensíssima a lista de topónimos e etnónimos que aparecem deturpados ou mal acentuados. Dou apenas alguns exemplos: Ferécidas (p. 11), em vez de Ferecides; Ténare (p. 22) por Ténaro; Filocteto (p. 22) por Filoctetes; Cirena (pp. 29, 44, 67) por Cirene; Abila (p. 25) por Ábila; Mar da Marmara (pp. 26, 59) por Mar da Mármara; Mandrocles (p. 26) por Mândrocles; Cnida (p. 28) por Cnidos ou Cnido; Sostratos (p. 33, 53) por Sóstratos ou Sótrato; Halis (p. 38) por Hális; Atique (pp. 39, 41) por Útica; Veies (p. 39) por Veios; Macris e Caleis (p. 47) por Mácris e Cálcis; Toroné (pp. 47, 54) por Torone; Típselos, Epídame, Anactorion e Portideia (p. 48) por Cipselo, Epidamno (cf. tb. p. 71), Anactorio e Potideia; Demarate (p. 49) por Demarato; Miltiades (pp. 51, 55) por Milcíades; Naupacta (p. 51) por Naupacto; Fôcia (pp. 57, 58, 62) por Foceia; Lampsaca (pp. 59, 62, 63, 64) por Lâmpsaco; Hipponax (p. 95) por Hipónax; e muitos outros.

E tão fácil seria evitar essas deficiências e deformações. Bastaria uma consulta ao *Vocabulário da Língua Portuguesa*, de Rebelo Gonçalves. Mas não foi feita, e o resultado está à vista: nomes estropiados e mal acentuados.

JOSÉ RIBEIRO FERREIRA